

Robert de Montesquion

Ha tres dias o laconismo burguez de uma noticia telegraphica annunciava o falecimento do conde Robert de Montesquion-Tezensac. Como estivessemos talvez destinados a ficar apenas na meia duzia de palavras do telegramma, o que é regra entre nós nestes casos, resolvemos fazer agora uma excepção.

E Montesquion bem a merece.

Descendente de uma illustre familia franceza, que produziu entre outros, homens da estofa do marechal Montluc, do marechal Gastão de Gassion, de Artagnan, o heróe dos "Tres Mosqueteiros, de Pierre de Montesquion, famoso marechal de Luiz XVI, de Anne-Pierre de Montesquion, conquistador de Sabá, do Abbade Montesquion, ministro de Luiz XVIII, o autor das "Hortensias bleus", pôde-se dizer, foi um desses poetas cuja obra prima foi a propria vida.

Podia-se orgulhar Montesquion de ter sido a origem de uma interessante serie de personagens de romance dos quaes o primeiro foi decerto o celebre duque Jean Flo-

ressar des Esseintes — do "A Rebours". E' notavel a discussão que se tem feito na França em torno da figura aristocratica do personagem de Huysenaris. Ha perto de dois annos tendo Pierre Lievre escripto um artigo sobre o incomparavel romancista do "La Bas", um individuo mandou uma carta á redacção de "Les Marges" respondendo ás duvidas que o autor do artigo punha sobre se Montesquion servira ou não de modelo para Des Esseintes. Diz o missivista que ha tempos travara casualmente conversa com um commerciante que fôra vender alfarrabios em La Rochelle. Elle estava a par do movimento literario e para explicar essa anomalia rara em um livreiro, disse ter sido amigo intimo de Joris-Karl Huysmans.

Contou então o seguinte facto: Entrou um dia em uma livraria em Niort um cliente tão exigente que elle não poudé deixar de gritar: "Mas senhor, ahí estão livros para Des Esseintes" ao que o cliente dando signaes de irritação respondeu: "Então o senhor me conhece?" Era Montesquion. O livreiro assaz confuso, "pois sabia que o poeta das hortensias azues servira de modelo a Huysmans", desculpou-se do melhor modo possível.

Parece que Montesquion não lhe guardou antipathia, porquanto momentos depois

a esposa do livreiro recebia um magnifico ramalhete de flores. Não é possível esconder a grande influencia exercida pelo personagem de Huysmans sobre todo o "fin de siècle". Oscar Wilde disse sempre que possuia a loucura de Des Esseintes e o seu Dorian Gray era em grande parte inspirado na figura sympathica do heróe de "A Rebours". Des Esseintes é mil vezes superior e mais attractivo que o Choulette de Anatole France, inspirado em Verlaine. Aliás a vida de Montesquion é muito mais interessante que a do autor de "Sagesse". Com o seu fallecimento choramos, portanto, o Montesquion-homem, o Montesquion-Des Esseintes: o poeta magnifico e aristocrata, esse ficará para sempre em nossos corações enquanto exista a verdadeira noção da poesia.

BUARQUE DE HOLLANDA

Do "Rio-Jornal"
da Capital Federal
de 20 de dezembro

de 1921.

UMA POETISA DE 16 ANNOS

O nosso paiz, que é, no infeliz dizer dos sabidos da Academia e dos que vivem a repetir de outiva todas as baboseiras do bonzismo parnasiano, o Eden dos poetas, parece ser apenas, diga-se a verdade, o Eldorado dos versejadores. Assim, quando surge um poeta de raça, um verdadeiro poeta como poucas vezes sóe acontecer, fica confundido na turbamulta dos rabiscadores de versos.

Já se tem dito que o parnasianismo engendrou uma fórmula fixa. Tantas syllabas, tantas estrophes, tantos versos, palavras barulhentas, etc... etc... e está prompto o sonetinho.

O que nenhum Banville conseguiu crear é fórmulas para poesia, que a poesia é uma coisa innata; não ha regras possíveis para a sua creação.

Pode-se fazer versos sem que se seja poeta, mas nunca fará poesia um versejador ordinario.

Isso talvez já o tenha dito o conselheiro Accacio, e com carradas de razão.

Mas os nossos aedos não querem saber de historias e ainda acreditam em parnasianismo e vivem cincoenta annos atraz dos de outras terras mais felizes. Quando na França o leontismo já estava desmoralizado, os nossos ainda morriam de amores por Lamartine e Musset. E quando deixaram de choramingar para fazer Ruy Barbosa em verso, na Europa já se cogitava de preparar terreno para a formidavel e gloriosa investida futurista.

Anatole France disse que os verdadeiros poetas pensam em verso. Tive ha dias a oportunidade feliz de conhecer, por intermedio de um amigo, uma poetisa de veras, que nos dá a impressão de que realiza perfeitamente a phrase de Anatole. Conheço della apenas algumas poesias, al-

guns sonetos que são a melhor prova de seu talento poetico. E' quasi inconcebivel um poeta como d. Marinella Peixoto, que na idade de dezeseis annos consegue sem affectação essa simplicidade tão requestada pelos poetas marmanjos.

Sim, porque ha simplicidade e simplicidade.

Nada ha mais insupportavel que a simplicidade "voulue" e forçada de certos poetas. E d. Marinella não está nesses casos. Vae ahí um trecho seu, colhido ao acaso:

... ..
E que pode haver de mal
Na troca de sim por não?
— Apenas abrir de labios
E fechar de coração!"

Nota-se que não ha ahí nada impressionavel, cada palavra tem sua significação,

SBH
P122 P12

SBH
P123 P12